

A Produção Jornalística do *Correio do São Francisco*¹

Ingryd dos SANTOS²

Andrea SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Ao longo dos anos, o fazer jornalístico passou por diversas mudanças. Reconhecendo a importância em analisar fontes documentais para a compreensão dos processos de formação e práticas da imprensa local, este artigo tem como proposta analisar o *Correio do S. Francisco*, periódico que circulou na cidade de Juazeiro, no início do século XX. Daremos uma ênfase, em especial, nas colunas presentes nas edições do jornal, buscando aspectos presentes nas práticas jornalísticas locais. Para isso, trabalharemos a perspectiva metodológica de uma micro-história da comunicação, compreendendo que esses artefatos chegam aos dias de hoje como rastros e fragmentos do passado.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Práticas Jornalísticas; Modernização; Literatura; *Correio do São Francisco*.

INTRODUÇÃO

Ao longo das décadas, tem se e discutido diversas estratégias e métodos para o desenvolvimento de trabalhos no âmbito da História da Comunicação que levasse em consideração a abordagem da análise histórica da comunicação ou, neste caso, dos meios de comunicação. Nesse processo, é importante reverberar a história para além da ideia de uma perspectiva linear atrelada a ideia de progresso. Para Marialva Barbosa (2004, p. 2), é necessário pensar a mudança como algo que faz parte de um processo “no qual estão envolvidos não apenas os grandes nomes, as grandes datas, os grandes feitos singulares, mas sobretudo os particularismos, as repetições, os vestígios, os restos que o passado legou ao presente. E, sobretudo, os anônimos”.

Para além disso, é necessário enxergar a relevância dos meios de comunicação que se distanciam dos grandes centros. De acordo com Ribeiro & Herschmann (2009), a

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB e bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) email: ingryd.hayaracs@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro, Bahia. email: andcsantos@uneb.br

historiografia da mídia nacional se concentra na região Sudeste, em especial, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Um dos problemas desse domínio se deve ao fato que as pesquisas acerca da história da comunicação são desenvolvidas pela perspectiva dessa região, desconsiderando as particularidades e diversidades das demais regiões e, portanto, dos veículos. Além do mais, é uma forma de desconsiderar que esses veículos locais e regionais podem contribuir com informações relevantes para a história da imprensa e dos processos comunicativos.

A partir disso, propomos a análise do jornal *Correio do S. Francisco*, que circulou nas duas primeiras décadas do século XX, na cidade de Juazeiro, região norte da Bahia. Descreveremos as principais colunas que constituem as edições semanais do periódico, buscando ressaltar as linguagens empregadas nas publicações, além dos formatos textuais utilizados. Assim, é possível estabelecer uma linha de compreensão acerca dos processos de construção do fazer jornalístico da região, levando em consideração as particularidades e as similaridades com outros periódicos que circularam nesse período.

Para desenvolver a pesquisa, optamos por utilizar, em um primeiro momento, uma abordagem quantitativa, com levantamento sistemático acerca do veículo. Neste levantamento realizamos um inventário com a identificação dos profissionais ou colaboradores do jornal, número de páginas, editoriais, se inclui imagens, a existência de anúncios publicitários, tipificação das mensagens conforme o conteúdo; leitores, distribuição e vendagem (BARBOSA & MOREL, 2005). Em seguida, desenvolvemos uma análise qualitativa, na qual levamos em consideração os rastros e fragmentos no contexto de uma micro-história da comunicação (SANTOS, 2016).

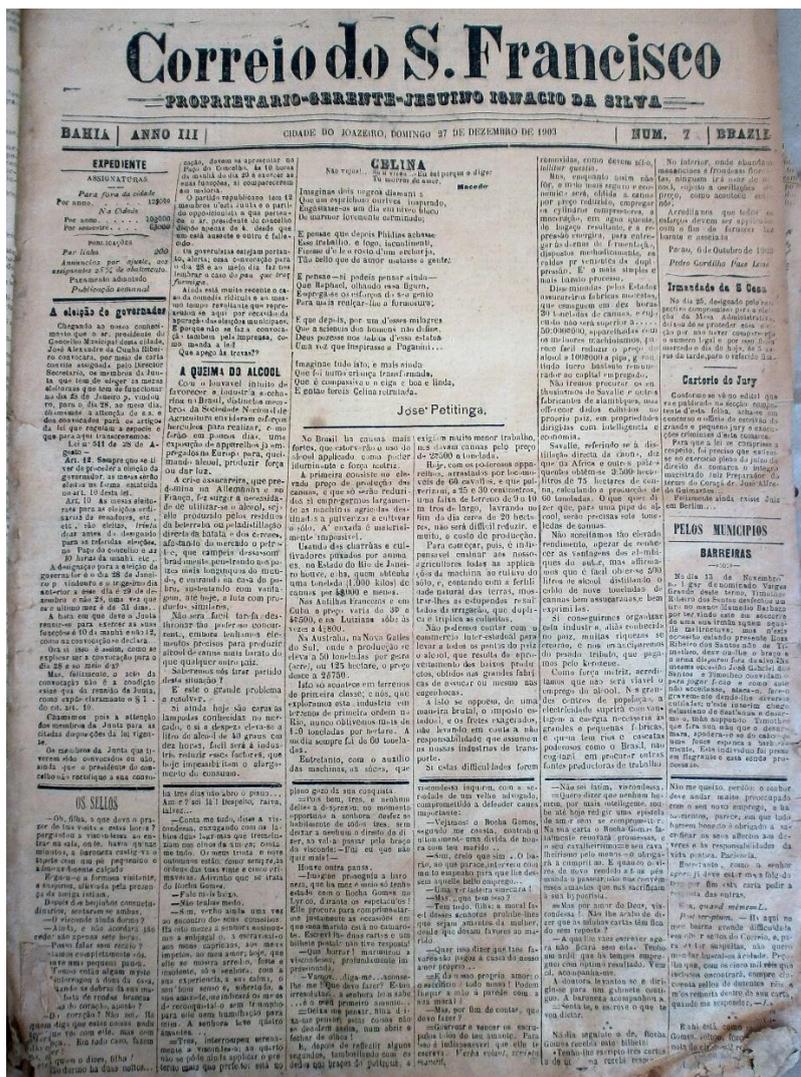
De acordo com Lowenthal (1998), os fragmentos seriam “resíduos de processos”. Para o autor, esses resíduos são produzidos pelo o homem e podem ser chamados de artefatos, que podem atestar o passado de forma biológica e histórica. Farge (2009) destaca a importância de analisar os fragmentos a partir do arquivo, uma vez que esses artefatos podem indicar caminhos além do “relato sobre, discurso de”, revelando características referentes aos modos de se expressar, representações sociais e formas de sociabilidade.

CORREIO DO SÃO FRANCISCO

O início do século XX foi marcado por uma intensa movimentação comercial no município de Juazeiro, localizado no norte baiano. A inauguração do trecho final da

Estrada de Ferro da Bahia do São Francisco, além de já ser um dos pontos principais das rotas de navegação que integrava as cidades que ficavam ao longo do São Francisco até Pirapora, trouxe novos fluxos comunicacionais. Assim, a Passagem do Juazeiro tornou-se uma referência comercial no sertão nordestino.

O nascimento da imprensa veio em decorrência das mudanças nas configurações da sociedade juazeirense. O desenvolvimento das transações comerciais aliado ao crescimento da população, era necessário que um veículo acompanhasse e, sobretudo, relatasse os processos de mudança. Em meio a esse contexto, em 15 de novembro de 1900 foi inaugurado o *Correio do São Francisco*, sob propriedade e gerência de Jesuíno Ignácio da Silva. Apesar de não ter sido o primeiro periódico a ser veiculado na comarca, o *Correio do São Francisco* se destacou por ter sido o primeiro periódico a ter se estabelecido no território juazeirense, circulando até 1919.



(Fonte: Acervo do Projeto Tempo & História da imprensa do polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE)

O *Correio do São Francisco* mantinha uma circulação semanal, aos domingos. O periódico era o único veículo impresso de comunicação que circulava em Juazeiro, no ano de 1903. Através de quatro páginas, o periódico informava os leitores sobre fatos de dimensão local, nacional e até internacional. Apesar de não possuir indícios da tiragem, sabe-se que as edições do jornal chegavam a leitores de outros municípios, como Remanso e Casa Nova. Isso fica claro na primeira página de cada edição, quando o Expediente revela a relação de preços das assinaturas, tanto “para fora da cidade”, quanto “na cidade”.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO *CORREIO DO SÃO FRANCISCO*

Através das primeiras edições analisadas – correspondentes aos anos de 1903 e 1904 -, nota-se que o *Correio do S. Francisco* detém uma variedade de gêneros textuais, em especial, o literário. Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro (2003, p. 31), até a primeira metade do século XX, os jornais brasileiros seguiam o modelo francês de jornalismo, “[...] cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária”. Assim, era comum que esses jornais trouxessem textos mais livres, com conteúdos poéticos e/ou opinativos.

Nas publicações do *Correio do S. Francisco*, os textos literários ganham destaque. Já na primeira página é possível se deparar com a presença do gênero, uma vez que, normalmente, traz um espaço dedicado exclusivamente a publicação de um conto. Ainda é comum ver nessa página a presença de poemas e artigos de opinião. Para além disso, as edições do periódico mantêm algumas colunas fixas que remetem a textos de cunho livre e, em algumas vezes, poético.

Uma das técnicas literárias que aparecem com frequência no periódico é a sátira. A coluna “Olhando”, por exemplo, traz poesias com versos satíricos. Através do pseudônimo de K. Peta, o autor pauta diversos assuntos do contexto juazeirense, em especial, pessoas e acontecimentos da cidade. Assim, o humor tornava-se uma estratégia jornalística para reportar a realidade social. (SANTOS, 2016).

Com base nas edições do acervo do projeto, a coluna aparece pela primeira vez no número de 29 de novembro de 1903, através do poema nº XXVI. No entanto, nota-se que a coluna vem acompanhando o jornal há um certo tempo, uma vez que todos os poemas possuem uma sequência enumerada. No poema de número XXX, por exemplo, o autor faz uma crítica a um “nobre director” juazeirense que havia mudado o sobrenome:

Estou agora convencido
Que o nobre Director
Mudou d'esta vez o nome
Como qualquer malfeitor

O homem tem tanto amor
A casa da pepineira
Que arrenega ao próprio nome
Para assignar-se Nogueira!...

Aqui elle é Nazareno
Em todo e qualquer edital,
Qual o motivo que o homem
É Nogueira na Capital?

Como o sr. Intendente,
É médico muito ilustrado,
Examine se o Nogueira
Acha-se allacinado.
(CORREIO DO S. FRANCISCO, 27 dez. 1903, p.2).

A coluna era a única que trazia uma ilustração própria. Acima dos versos, o jornal trazia uma gravura de um bobo da corte, funcionário responsável por entreter e fazer reis e rainha rirem, nos tempos da monarquia. Para além disso, em alguns textos, o autor fazia um trocadilho entre o pseudônimo “K. Peta” e as temáticas abordadas. No poema abaixo, por exemplo, vemos o autor se referir à “Satanaz” e “Lucifer” como pai e irmão, respectivamente:

Zé fonhem! Que nomesinho!
Que nome tão engraçado!!
Diga-me seu Abelhudo
Zé Fonhem será barbado?

Perguntei ao meu bom Pai
O puderoso Satanaz;
Este Zé Fonhem, é velho
É menino ou é rapaz?

Quando Lucifer, meu primo
E meu primo coirmão;
Diz: K. Pera, tu não sabes
Que ele foi nosso Escrivão
E fugio um bello dia
Para habitar no Sertão!

Assim pois sr. Abelhudo
Faça-me o grande favor

De mandar o Zé fonhem
Que d'aqui é dezerter.

Inferno, 11 de março de 1506.
(CORREIO DO S. FRANCISCO, 3 jan. 1904, p.1).

Para além dos poemas satíricos que pautavam a sociedade juazeirense, o *Correio do S. Francisco* trazia outros formatos de texto que tinham proposta semelhante. A coluna “Nos Bancos” traz, em formato de prosa, uma conversa entre dois amigos sobre o cenário social juazeirense, em especial, a esfera política. A coluna apareceu pela primeira vez na edição de 10 de janeiro de 1904, sob a autoria do pseudônimo “O Abelhudo”.

Apesar de não ser um texto abertamente satírico, é comum o autor abordar temáticas que podem vir a “ferroar” determinados grupos sociais da sociedade juazeirense.

- Tem lido os escriptos de Pedro Torres contra o Pedreira?
- Não acredito que aquelles factos sejam verdadeiros... O Pedro está inventando...
- Disse-me o Raul, com quem conversei hontem a respeito que o são, principalmente o que se refere a ele e que há outros factos mais graves ainda, os quaes Pedro ignora, mas que ele – Raul só publicará quando de novo romper as relações com o surdo.
- Homem, dizem por ahi que o Raul é quem está dirigindo o concelho da filial Brandão
- É sim: e só por isso as contas teem sahido muito bem... Você leu a acta que foi publicada no Correio do Brasil de 5 do corrente, sobre a verificação dos poderes delles?
- Você está enganado.
A acta que o Correio do Brasil de 5 deste mez publica é para servir de norma, de modelo; pois você bem viu que não trazia data.
[...]
- Pois você fica então desde já prevenido para me arranjar um exemplar d'essa obra que deve ser importante.
- Sim. Até amanhã...
- Até amanhã.
(CORREIO DO S. FRANCISCO, 24 jan. 1904, p.2).

Existem colunas que aparecem com menos frequência, mas mantêm o formato textual da prosa, como é o caso do “Diálogo”. Através de uma linguagem simples, a coluna traz, como o próprio nome já diz, um diálogo entre os compadres Aniceto e Bastião. É interessante observar que, apesar dessa coluna também estar voltada para comentar acontecimentos da cidade através da conversa de “terceiros”, os textos envolvem e aproximam o leitor a narrativa. Primeiro, por atribuírem nomes aos

personagens, segundo, pelos diálogos começarem por temas que seriam facilmente assuntos entre compadres, como o período de estiagem.

- A. Bons dia, compade Bastião.
B. Os méumo pra voincê. A brigação?
A. Pelejando cá incremença dos tempos.
B. La pur as bérada de voincê cuma vai arrispitivo chuva?
A. Nas méma cunfirmidade. É um siquismo, qui no jeito qui taa secaiaada eu tou vendo as hora e os minuto que o mundão ganha fogo. Oie qui é um Deus nos acuda! Voincê oia assim pra catinga só vê é marmetnte carangaço sèco, qui fais um pobe cortá o coração.
B. Vige Mai de Deus! Temo ca seca na porta.
[...]
B. Home, não ataiando sua preposta qui adiente vai, voincê qui andou dentro do Juazeiro, me conte e berêrê qui houve arrispitivo as inleição.
A. Oiscen! Foi um fuça grenade pruvia da vara de Intendedó de Cambra
B. E então quó é o cujo que negou na dita?
A. Home, eu vi tare conversando dois home de fiança qui o sertucujo Dotô Zé Ignácio é qui tá cá vara dento da leis e qui o Capitão Tonanho tá cá d'elle farsa.
B. Mé! Duas Cambra impariada trabaindo dentro do ador d'um commerço só! Oie que esses home de política véve nua aração de vara que nem urubu na carniça.
[...]
(CORREIO DO S. FRANCISCO, 17 jan. 1904, p. 3).

Outro ponto interessante se deve a escolha da linguagem utilizada no texto. De acordo com as prosas desenvolvidas na coluna, nota-se que Aniceto e Bastião são dois personagens fictícios que vivem em uma zona rural próxima a Juazeiro. Provavelmente com pouco ou nenhum acesso a escolaridade que, inclusive, pode refletir o nível de escolaridade e/ou educação rural da época, esses personagens desenvolvem diálogos que dispensam o uso de uma formalidade. Assim, o periódico se apropria desse modo de falar e a transcreve nos textos, transpassando as normas de uma gramática formal.

A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO *CORREIO DO S. FRANCISCO*

Na coluna “Pelo Municípios”, o jornal mapeia e compartilha alguns acontecimentos e informativos dos municípios e vilas baianas que ficam relativamente próximas à Juazeiro. Normalmente, esses textos são escritos por correspondentes que não tinham o nome divulgado. A partir dessa coluna foi possível realizar um pequeno mapeamento dos municípios em que o jornal possuía correspondentes, entre eles: Barreiras, Remanso Petrolina e Pilão Arcado. No entanto, o número de correspondentes pode ser

maior, levando em consideração que foram analisadas apenas as edições de 1903 e alguns meses de 1904.

No texto abaixo segue o trecho de uma carta que um correspondente da cidade de Remanso-BA, enviou ao jornal:

Por causa de muitos affazeres, tenho deixado de dar a esse jornal notícias desta cidade, o que agora faço, visto despor de algum tempo.
- Esta cidade continua na abençoada paz que lhe é peculiar, não se notando o menor incidente de ordem pública. O commercio é que tem estado sem movimento desde novembro, e cada vez mais se nota menor movimento, isto devido tão somente a falta de chuvas. As ultimas que tivemos no mez de novembro, mal chegaram para, por poucos dias, refrescar a terra quente por um só abrasador. (CORREIO DO S. FRANCISCO, 17 jan. 1904, p.2)

Também era comum que o jornal publicasse, na coluna, cartas de leitores e apoiadores do periódico, que descreviam eventos que aconteceram na cidade. Na edição de 27 de dezembro de 1903, por exemplo, foi publicada uma correspondência do morador de Santa Ritta do Rio Preto, Sevénen, que enviou uma carta ao Correio do S. Francisco em 12 de dezembro de 1903:

Pela primeira vez tomo a liberdade de derigir-vos a presente missova, dando-vou algumas notícias d’esta bôa terra, onde o vosso conceituado jornal conta com crescido número de assignantes e apreciadores. Há muito tempo não se diz cousa alguma d’aqui e muito teria que escrever, se fosse remontar tudo quanto se tem dado por aqui, de bom e mâu, duante o anno. Por isso limitar-me-hei apenas a relatar-vos o que mais importa, em regra geral. (CORREIO DO S. FRANCISCO, 27 dez. 1903, p.2).

Nota-se que os textos são predominantemente narrativos. É possível perceber que os autores se utilizam de uma linguagem livre, na qual as impressões pessoais são constantes. Outro ponto interessante se deve ao fato que essas informações chegam através de cartas e, como típico desse gênero textual, é comum aparecerem trechos nos quais os remetentes estão falando diretamente com os destinatários. O *Correio do S. Francisco* parece manter a carta na íntegra, mantendo essas partes presentes na publicação.

Para além dos conteúdos noticiosos presentes em “Pelos Município”, na coluna “Comércio”, o periódico traz um balanço das atividades comerciais da comarca, ao longo

da semana. Essa é a única coluna que se encontra presente em todas as edições do jornal até então analisadas. Isso se deve ao fato que, durante a transição do século XIX para o século XX, Juazeiro já se mostrava como uma cidade comercial cuja com condições geográficas estratégicas. Não à toa, nessa época já ostentava o título de “grande empório do sertão”, dado pelo engenheiro e geógrafo Teodoro Sampaio (2010).

A recente inauguração do trecho final da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, que ligava Juazeiro a Salvador, aliada a aquisição de um dos principais portos na navegação que integrava as cidades do São Francisco à Pirapora, permitiram que a cidade se tornasse um importante centro comercial no sertão. Assim, o *Correio do S. Francisco* trazia, semanalmente, um panorama geral e detalhado das atividades comerciais.

O jornal trazia a movimentação comercial da Praça de Juazeiro, com a atualização dos preços de diversos itens. Ao todo, são quase trinta produtos, entre eles: borracha, maniçoba, couro de gado, resina de jatobá, fumo (minas), toucinho, peixe seco, carne de sol, sabão sólido, uvas, penas de ema, carne verde, peles de cabra e ovelha, café seco, açúcar, feijão, arroz, farinha, milho, sal, querosene, farinha de trigo, manteiga pele caititú, aguardente e rapadura.

O periódico também trazia informações sobre a importação e exportação de produtos da comarca. Este tópico é interessante, uma vez que traz informações dos negociantes e a quantidade das mercadorias comercializadas. Assim, era possível ter conhecimento de quem eram os grandes comerciantes da cidade de Juazeiro. Era comum aparecerem nomes de pessoas e estabelecimentos comerciais, como: Otacílio Nunes de Souza, José Padilha, Duarte & Dias, Torres EC. Além disso, o periódico informava o número de rezes (gados) que eram abatidas durante a semana, indicando os pecuaristas da região.

Também era comum aparecer nessa coluna uma relação dos vapores da Empresa Viação, além de algumas barcas que estavam a navegar o rio. O jornal trazia algumas informações, como: data de embarque, pessoas, os produtos e a quantidade de carga que os vapores levavam (para além de deslocar pessoas, era comum esses veículos transportassem mercadorias).

Vapor Antonio Olyntho
Commandante – Aurelio Pires
Em 13 do corrente entrou de Barreiras

Carga: 1.312 volumes – 23.870 kilos. Passageiros: cel. Lindolpho Lacerda e sua exma. Senhora Rosa Linda, Manoel Goes, Cynobilino Liborio, Raphael Farcez e Silva, Januario Dias da Silva Padre Manoel Nona. (CORREIO DO S. FRANCISCO, 17 jan. 1904, p.3).

A partir disso, é possível fazer um pequeno mapeamento dos vapores, barcas e os comandantes que navegavam ao longo do rio. É importante nos atentarmos a esses fragmentos, uma vez que esses veículos foram importantes intermediários para a melhoria das condições econômicas. Para além do transporte de pessoas e mercadorias, os vapores e barcas contribuíram para o intercâmbio social e cultural das populações que percorriam o Rio São Francisco (CUNHA, 1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para David Lowenthal (1998, p. 63) “a consciência do passado é, por inúmeras razões, essencial ao nosso bem-estar”. No entanto, é preciso compreender que os fatos que aconteceram neste passado, por mais longínquos ou recentes que sejam, nunca estarão inteiramente no presente. Isso se deve ao fato que, por mais que o passado seja vividamente lembrado ou vivido, existem sempre uma névoa envolta de incertezas. Assim, trabalhamos com a história compreendendo que:

Não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu: o passado é inteligível nas fimbrias das narrativas que ele mesmo compôs. O que o historiador faz é um ato ficcional, não no sentido de que aquilo que descreve não tenha se dado, mas considerando sempre o grau de invenção, composição, interpretação, inserção do sujeito pesquisador que compõe a história a ser interpretada. (BARBOSA, 2004, p. 4).

Diante disso, é preciso compreender e interpretar os rastros que chegam ao presente através de mensagens do passado. Assim, o *Correio do S. Francisco* chega a nós, nos dias de hoje, como um artefato que reforça a perspectiva histórica de trabalharmos com fragmentos. O material inédito permite reconstituir os circuitos comunicativos estabelecidos pelo produtor do jornal e as mensagens que circularam em uma inter-relação do local com o nacional.

Por meio da produção literária do periódico, percebemos que o *Correio do S. Francisco* traz similaridades com os periódicos que circulavam em regiões centrais do

Brasil, na primeira metade do século XX. É possível observar a relação que o jornal estabelece com as instituições literárias da época. Para além disso, podemos notar que o jornal se utilizava de textos que incluíam o anonimato do autor por meio de pseudônimos, como nas colunas “Olhando” e “Nos Bancos”, ou o uso de terceiras pessoas, em “Diálogo”, para tratar de temas polemizados.

Já a produção noticiosa do periódico marca resquícios do início de um modelo de jornalismo que viria a se desenvolver no Brasil apenas na década de 1950: o jornalismo que privilegia a informação. (RIBEIRO, 2003). É claro que na década de 1900, esse modelo aparecia de forma muito sutil. No *Correio do S. Francisco*, essas notícias voltadas para informar o leitor tinham traços de subjetividade e parcialidade de quem escrevia, incluindo o aparecimento de comentários pessoais e opinião do autor.

Para além disso, é interessante observar como através das colunas fixas, o jornal pautava e descrevia sobre as representações sociais e culturais da sociedade juazeirense. Assim, o *Correio do S. Francisco* nos revela evidências de um processo de modernização da cidade, além de trazer fragmentos do processo de constituição da imprensa como instituição junto com outras entidades sociais e culturais da cidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. 2004. Como escrever uma história da imprensa? II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1>, acesso em 15/01/2018.

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**. Metodologia. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2005

CORREIO DO SÃO FRANCISCO. Juazeiro, ano 3, n. 7, 27 dez. 1903.

CORREIO DO SÃO FRANCISCO. Juazeiro, ano 3, n. 8, 3 jan. 1904.

CORREIO DO SÃO FRANCISCO. Juazeiro, ano 3, n. 10, 17 jan. 1904.

CORREIO DO SÃO FRANCISCO. Juazeiro, ano 3, n. 11, 24 jan. 1904.

CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: Projeto História, vol. 17. nov 1998.

RIBEIRO, Ana Paula G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro. E-papers, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula G; HERSCHMANN, Micael. História da Comunicação no Brasil: um campo em construção. In: **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

SAMPAIO, Teodoro. O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina: trechos de um diário de viagem (1879-80). In: **Revista S. Cruz**: São Paulo: Editora das Escolas Professionaes Salesianas, 1905. Edição digitalizada pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, em 2010. Disponível em http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1905-rio/sampaio_1905_rio.pdf. Acesso em 5 de setembro de 2013.

SANTOS, Andréa. **Travessias Comunicacionais de um Tipógrafo-Jornalista: José Diamantino de Assis e as Tessituras do Moderno**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura), Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.